

Na verdade esse tipo de crise, onde envolvem-se tradições e culturas diferentes, exige, sob pena de simplificações reducionistas, um esforço adicional, o de estabelecer um denominador comum para analisarmos a conduta dos desiguais. Para tanto é necessário um "desvio" da imediatividade, do fenômeno em si, que permita, mediante um distanciamento do quadro, apanhá-lo enquanto totalidade. ? 1A

O grau desse "distanciamento" consiste, na realidade, na determinação de um critério de abrangência para abordagem do problema, onde inevitavelmente há uma margem de arbítrio humano. Uma vez que a verdade é uma potência construída através da mediação da consciência humana, como tal, recorrente à essas mesmas possibilidades de mediação realizadas pela consciência.

Acreditamos que o referencial mais universal (abrangente) para o tratamento do problema é o sistema internacional.

O sistema internacional é a esfera pública por excelência<sup>1</sup>, em sua maior possibilidade de abrangência. Surge por ocasião do advento da mercadoria que "destrói" os "vários mundos existentes" algo estanques e compartimentalizados entre si, e que ao estabelecer um denominador comum, uma objetivação universal para todas as determinações do espírito humano, cria a esfera do universal como possibilidade e determinação concreta.

As demandas criadas pela mercadoria remetem à estruturação da autonomia do estado e ao surgimento<sup>2</sup> de um espaço que transcende o mundo das relações familiares e feudais, surge o espaço público - aqui na sua abrangência mais restrita, a Nação. Entretanto isso se dá, como veremos, de forma desigual e descompassada.

## ESFERA PÚBLICA E PLURALIDADE

(OU DA PLURALIDADE COMO POTÊNCIA)

O mundo (SI) por ocasião do século XVI achava-se dividido - como nos demonstra Paul Kennedy - entre os "impérios da pólvora" e a "singular situação Européia "o caso europeu" consistia na variedade (na existência) de vários centros de poder, propiciada por uma paridade relativa existente entre as várias entidades políticas, "cada uma das forças rivais foi capaz de ter acesso a novas técnicas militares, de modo que nenhum poder isolado jamais possuiu vantagens decisivas" (PK, Ascensão, p.31). Ao passo que, nos reinos da pólvora (Moscóvia, China, Japão, Império Otomano, Mongol e Persa) com sua "autoridade centralizada que insistia na uniformidade de crenças e práticas, não só na religião oficial do estado como também em áreas como as atividades comerciais e o aperfeiçoamento de armas" (op.cit.p.2) que levava à estagnação e, por vezes, permitia até mesmo que "um sultão idiota podia paralisar o império" (op.cit.p.21) o que, exageros à parte, vai ocorrer com relativa frequência. Entretanto, à época, com a magnitude, extensão territorial, população e riquezas dos "impérios da pólvora" seria uma temeridade apostar nas possibilidades da europa do século XVI. Ao contrário de todas as expectativas à longo prazo, a "inexistência"<sup>3</sup> de um espaço públi-co nos "impérios" vai criar debilidades estratégicas tais que, em poucos séculos a eu-ropa transforma-se no centro de poder do mundo e, suas disputas internas constituiriam o núcleo do sistema internacional. Cabe salientar que várias análises que atribuem a primazia européia à geografia ou à religião ou à sua insuficiência de recursos tem sua razão de ser, sendo, entretanto, relativamente limitadas e parciais. Se a geografia européia constituía a certo modo um "escudo" contra invasões, por outro lado também debilitava a agricultura - que, por sua vez, também era a mais diversificada, aqui tudo é relativo, ou seja, tomado em relação a outros.

- 2 -

③ with o crescimento, impérios globais e depois outros →  
"os impérios, além de "interiores" que eram unidos pelo "intelecto" (religião) e  
se os europeus (diplomacia, política, cultura) eram os mais avançados  
religião era unida, mas também havia revoltas e / ou revoluções secundárias.

Quanto às navegações os europeus estão muito longe de ter a primazia, vem ao cabo de uma lista onde surgem os chineses, os otomanos, árabes... Quanto à religião como motivação cabe lembrar que os pronunciamentos papais sobre a usura faziam eco, sob muitos aspectos, à aversão confucionana pelos intermediários e agiotas em busca de lucro (op.cit.p.28). Mas na europa o papa não dispunha dos poderes conferidos pela centralização de um império Ming. Por último, cabe reparar, também, à visão de analistas que, embora atribuindo a primazia da "pluralidade" como "fator de potência" ao cabo deixam levar-se pelos seus aspectos mais imediatos, fenomênicos, a corrida armamentista e a liberdade de comércio. Neste caso, sob pena de incorreremos em determinismo econômico, cabe resgatar a dialética consciência/natureza (sujeito/objeto), no seguinte sentido: primeiro<sup>4</sup>, a pluralidade política e a variações geográficas caracterizam uma "diversidade dotada de potência", com base na qual desenvolvia-se o conflito humano (disputas, competições, guerras), segundo, este conflito (externo) meio à "dispersão de potência" forçava as respectivas vontades à "qualificar" sua relação com a natureza (já que não havia, por exemplo, abundância de nada), isto implica, em outras palavras, em um maior grau de violência humana (1) contra a natureza (concurso de "tecnologia"), que por sua vez "devolve" esta violência aos homens constituindo novas demandas e forçando-os a alterarem também a qualidade das relações entre si (constituição de meios de primeira e segunda ordem(2), terceiro, estes meios criam uma "realidade artificial" (com uma legalidade própria em relação à natureza) que conduz portanto, os homens a patamares ontologicamente superiores de humanização (controle da natureza) esta "artificialidade humana" (os meios), vão constituir os elementos de potência para o surgimento do espaço público, na medida em que afastam os homens de sua "naturalidade", o que inclui as relações familiares e, de uma forma geral, o particular.

- 3 -

④ Confusão, o que reduz o grau de

⑤ os itens 2 e 3 são afetados em o se houve os "vícios", mas os defeitos, não são iguais e distintos.

Este processo complexo tem sua "exteriorização"<sup>6</sup> na corrida aramamentista e na liberdade comercial, sem que, é óbvio, por constituírem aspectos fenomênico não sejam também constitutivos da essência, sobretudo no que tange à concreticidade histórica do processo europeu.

Conclui-se portanto que o grau de construção da artificialidade humana que vai constituir a singularidade do "caso europeu", em outras palavras é o sentido ontologicamente superior de trânsito da essência  
7 humana que vai constituir um espaço público - a esfera pública, como tal, surgirá quase dois séculos depois - que será o "móvel" para o trânsito dessa essência (a política) e ao mesmo tempo, seu resíduo de perenidade - este é o principal elemento constitutivo de potência.

Graças a esse "espaço do público" (meios, cultura, ideologia, instituições, em suma, a lógica de ser destas entidades políticas) que diante dos ciclos de predomínio da subjetividade da práxis humana, a Europa transformará suas debilidades em força e a onipresença da derrota - para um pequeno punhado de reinos que não deixaram de lutar entre si, apesar do colosso otomano, [que ameaçava a todos] - em vitória, mediante  
10 a lenta conversão das debilidades estratégicas dos inimigos em pontos de desequilíbrio e a um (relativo) fabuloso desenvolvimento - no sentido de superar as suas próprias debilidades estratégicas, logo as pequenas distâncias obtidas transformaram-se em abismos intransponíveis.

P.S.: A Rússia até 1917 e o Japão até 1945 constituíram, com altos e baixos, aparentes exceções para, a seguir, virem a confirmar a "regra".

#### SUJEITO NEXO DINÂMICO DA PRÁXIS E OS CICLOS DE SUBJETIVIDADE

- (1) A propósito de uma visão ver Adelmo <sup>"RELEVANTES..."</sup>, <sup>TEXTOS N. 11-12</sup>  
(2) VIDE MÊSAGIOS... (Texto s/ALICIAÇÃO).

- 4 -

- ⑥ ty as instituições de ensino e extensões!
- ⑦ cupros, de com, university.
- ⑧ o je c?
- ⑨ " ?
- ⑩ suas!
- ⑪ pe como?

SUJEITO NEXO DINÂMICO DA PRÁXIS  
E OS CICLOS DE SUBJETIVIDADE.

"A apropriação efetiva do homem sobre a objetividade do mundo, implica dois movimentos contraditórios e complementares. De um lado, o sujeito se objetiva cada vez mais, na medida mesma em que se apropria do objeto. De outro lado, a realidade objetiva e natural se subjetiva ou, noutras palavras, o mundo se humaniza". (Adelmo Genro Filho, "Teoria Revolução", in Teoria p.nº8, pp.50,51), ou seja se torna potencialmente mais permeável e, em certo sentido dependente, do controle da consciência, desta forma "a objetividade resulta progressivamente penetrada pela subjetividade humana, pela intencionalidade e o conhecimento (G.M.) transformador em instrumentos e produtos". (idem p.51). Neste sentido temos "o sujeito (como) nexo dinâmico de todo ciclo da práxis" (idem p.50).

Embora o sujeito seja o nexo dinâmico da práxis, - portanto do mundo como um todo, acreditamos que no sistema internacional podemos discernir claramente momentos de "predomínio" da subjetividade, ou por assim dizer, "ciclos de subjetividade". Isto não quer dizer de forma alguma que a história seja uma sucessão benígna de períodos intermediados por momentos de predomínio da consciência. Mesmo porque as modificações operadas pela mediação da consciência ("ciclos de subjetividade") ocorrem de forma incerta e contraditória.

É assim que periodizamos o sistema internacional basicamente em \_\_\_\_\_ fases, desnecessário referir novamente que trata-se apenas, de uma possibilidade de periodização, tendo em vista o enfoque, portanto arbitrada.

Vamos referi-las rapidamente uma vez que não cabe nos limites deste trabalho uma fundamentação mais exaustiva.

1ª fase: da "tentativa de domínio dos habsburgos" - (P.K. in OP.cit.) ou da reforma religiosa de Martin Lutero. Trata-se de um longo período marcado por aquilo que vai constituir um traço cada vez mais presente no sistema internacional, as guerras de coalisão em que durante um largo período a motivação religiosa consiste no "pano de fundo" para as repetidas tentativas dos habsburgos (católicos) imporem seu domínio na Europa, por fim desacaracteriza-se parcialmente o traço "religioso" com a participação da França católica ao lado da coligação protestante. Os traços mais

11  
Na época, ou  
na visão de hoje?

marcantes no período, além de estúpidos e inúteis massacres de civis, é o predomínio da visão "nacional" sobre o "particularismo religioso" (fundamentalismo) dos soberanos. Esse período vai representar um acúmulo decisivo naquilo que mais tarde consistirá nos "direitos dos cidadãos" portanto na construção do estatuto público. O grande valor que sai fortalecido neste período é a pluralidade traduzida na existência de diferentes credos tanto no ponto de vista interno (nacional) como ao nível do sistema internacional. Nessa época a Inglaterra é quem sai fortalecida em parte - para referir um episódio - graças a revolução gloriosa, mas fundamentalmente, porque naquele momento era a Nação que tinha de forma - mais profundamente arraigada constituído um estatuto público. Essa "vantagem" vai ser decisiva na primazia britânica para a realização da Revolução Industrial.

12  
Quais?

2ª fase: da-se por ocasião da realização da revolução americana e sobretudo da grande revolução francesa, a partir daí surgem no seio do sistema internacional a pluralidade de regimes políticos. O traço mais marcante do período é a estruturação, agora sim, da esfera pública tal como hoje a concebemos não obstante a derrota definitiva dos exércitos de Napoleão e a restauração. Embora por demais conhecido, cabe destacar que os êxitos por períodos 1792/1815, devem-se fundamentalmente a tomada de consciência nacional no seio da França. Pela primeira vez teremos a instalação do sistema de construção que vai fazer com que o elemento de "densidade gemônica", se sobreponha sobre os demais fatores de potência. Seria exagerado supor que os êxitos de tão largo período devam-se ao "fervor revolucionário" (em parte sufocado pelo próprio Napoleão) ou à capacidade do curso em "transferir" o financiamento da guerra uma vez que isto, por si, não seria capaz de assegurar o brutal sacrifício da nação francesa e a perda regular de dezenas de milhares de vidas. Acreça-se ao fato de que manteve-se durante todo o período um descompasso entre os avanços políticos e o crescimento econômico, a Inglaterra continuava a frente na produção industrial e nos domínios de além mar. A França no início o "infanterrível" do sistema internacional (uma "anomalia" republicana no seio de monarquias) cria o precedente a partir do qual passarão a "conviver pacificamente" repúblicas e monarquias. Temos aí afirmação da diversidade, desta feita em uma esfera superior, da organização do próprio estado.

pg 13  
?

Segue-se aí um período de um século de "paz hegemônica" sob comando inglês alicerçado em uma pentarquia - portanto em um sistema multipolar - de potências (1815/1885). Em que veremos, como até então nunca, o florescimento da diplomacia e de uma politização até então inédita no tratamento das controversas internacionais. 17

3ª fase: (1885/1945) da constituição tardia da autonomia do estado no seio do centro leste europeu.

#### Autonomia do Estado e "usurpação" da Nação.

Para apreendermos o sentido que pretendemos atribuir a esta fase, faz-se necessário algumas considerações preliminares, acerca do sentido mais abstrato da estruturação da esfera pública e do "estado-nação".

Como nos diz A.G.F. (op.cit) o estado é uma particularidade do todo social, que auto atribui-se o sentido de regular e qualificar as relações sociais. Tal processo se dá mediante uma autonomização desta parte em relação ao todo social que só é possível na medida em que "usurpa" a universalidade contida neste todo e passa a encarnar formalmente toda a universalidade, onde estão ou "devem estar" todas as partes que compõe esse todo. Do ponto de vista sociológico alguns autores explicam a possibilidade de tal autonomização, como sendo o estado "acampamento militar organizado", em outras palavras, como segmento político-militar da elite dirigente organizado em tempo de paz, bem como seu projeto, acrescido de uma burocracia, ou seja, de um determinado estamento mais ou menos regular encarregado de na paz pensar e agir executivamente sobre as questões da grande estratégica. No ponto de vista histórico a constituição deste "fenômeno de autonomização" é infinitamente mais variada mais complexa e quase absolutamente diversa. Mais uma vez arbitraremos um caso exemplar, a Inglaterra, neste país - num processo de décadas - na Grã-Bretanha a constituição da autonomia do estado deu-se mediante um processo contraditório que envolveu negociações políticas e guerra limitada. Entretanto, ao nosso ver, neste caso e por isso o adotamos - houve 18

um predomínio da subjetividade (diplomacia) no processo de concentração de potências dispersas, logrando obter, a "ultraconcentração" de potência necessária para constituição da autonomia do estado. Enquanto que na França a "concentração de potências" como elemento de autonomia do estado se dá de forma abrupta em função da guerra, na Inglaterra, meio ao já referido processo deu-se gradualmente - no sentido de sujeito à maior controle humano. 19 A

Desta forma visando sua própria proteção e buscando autonomia a Nação acaba por delegar estas funções a um "titã" que vai por fim, em nome da nação colocá-la sob seu jugo. A pluralidade só é substantiva quando acompanhada da devida dispersão de potência - de nada vale o projeto sem os meios para executá-lo - a concentração dos meios no estado faz com que a pluralidade se torne mais formal do que real, uma vez que em sua pretensão de representar cabalmente o todo, as instituições não são dotadas da devida "recorrência" para acompanhar as diferentes qualidades e modalidades do trânsito humano. Assim o direito, com a saudável preocupação de assegurar o lugar do indivíduo, acaba por eliminar uma vez que inadvertidamente esclerosa e calcifica os canais por onde as essências singulares poderiam projetar-se para o universal. 19 20

Retomando o período 1885/1945.

No caso alemão, embora resguardando as diferenças de protagonistas de concepções e houvessem modificações substantivas no cenário temos de 1885 a 1945 diferentes respostas um problema que basicamente permanece inalterado: construção da autonomia do estado. 22

21  
Origem? A idéia de Nação é bastante diversa de povo para povo, entretanto persiste como traço comum o que chamamos de "identidade negativa", ou seja é a partir da definição do "eles" (os diferentes) é que surge a definição do "nós" (os iguais). O grau de subjetivação (de positividade) envolvido na constituição de cada nação depende do que possa ser acrescentado de positivo ao "nós" ao invés do mero temor ao "eles". Os judeus neste caso, constituem exemplo ímpar na história são um povo/nação a séculos sem que

isso se vê por conta exclusiva de uma identidade religiosa ou étnica, mesmo antes de "adquirirem" sua geografia já eram também uma nação-estado, exemplo notável do grau de artificialidade que a subjetividade humana (idéias) são capazes de produzir.

Os alemães há muito tempo tinham uma relativa identidade entre si ("como não-ser"), todavia não possuíam uma sociedade civil (meios) que permitissem o trânsito adequado dos vários projetos de unificação. A via possível foi a do "ferro sangue" da Prússia. Mesmo com a obtenção da autonomia do estado, passa a organizar produção e a "parir" a sociedade civil, o que obtém resultados notáveis, a Alemanha Imperial em poucos anos passa a ameaçar a posição hegemônica da Grã-Bretanha - destaca-se ainda a diplomacia alemã na busca de aliança com os austriacos e russos (unidade dos três impérios) adotava na verdade uma posição fundamentalmente defensiva. Todavia, apesar de sua filosofia e literatura pairava no ar o "não ser" origem remota do planejamento estratégico/de guerra os anos 1905/18. A humilhação ritualística do vencido, em Versalhes tampouco melhorou a situação e, quando a Alemanha resolve reerguer-se da sarjeta o ódio pelos diferentes terá ido ao paroxismo. Todas essas considerações, não obstante seu grau relativo de particularidade, tem importância para o sistema internacional é aqui entretanto que o "caso alemão" assume a proporção de um problema universal: o genocídio "industrial" de milhões de judeus (e de outras minorias, como os comunistas) precedindo por no mínimo uma década brutal, insidiosa e crônica propaganda anti-semita, que o mundo contemplou placidamente para não falar dos que imitavam, ou no mínimo, admiravam a forma como Hitler referia-se e tratava "essa gente". De uma forma geral nas frágeis sociedades da época os judeus eram um bode expiatório universal.

Considerando o "século de paz" e os valores que logrou produzir no sistema internacional este período 1885/1945 vem à nos lembrar que a história, definitivamente, não é uma sucessão benigna de momentos de "lei do coração" por um sobrepor-se da "astúcia da razão". A diversidade, como valor no sistema internacional, sofreria na época seu golpe de morte. Os europeus assistiram fascinados, na melhor hipótese indiferentes (caso americano) Mussolini praticava extermínio em massa na Abssínia - uso de armas

químicas e intervinha, com Hitler, com meio milhão de homens na Espanha para derrubar o governo republicano e constitucional afinal, era dos "vermelhos". Mas quem se importa, afinal, estes judeus, negros e comunistas eram os "diferentes" da época (seu pecado: não terem potência para alicerçar "essa diferença", a exceção dos russos, que souberam defender sua revolução). Quarenta milhões tiveram de morrer para o resgate da diversidade enquanto valor humano.

[FASE TERMONUCLEAR]

O período 1945/1990.

Por fim confirmando as previsões de Toquevile, EUA e URSS emergem como potências líderes, configurando o novo tipo de polaridade (nos "extremos" e não no "centro" do mundo). 27

Não obstante a situação de ambas ser desigual, a URSS perdeu metade dos 40 milhões de mortos na 2ª Guerra, teve seu parque industrial, infra-estrutura, agricultura totalmente destruídos na parte europeia (Ucrânia, Bielorrússia) ao passo que os EUA lograram não envolverem sua zona central no conflito, desenvolveram fantásticamente seu parque industrial - forneceram armas inclusive para URSS transformaram o dólar em moeda internacional em (1944), construíram e usaram a bomba atômica durante o conflito - com o fim, decretado pelos EUA, da lei do empréstimo e arrendamento, é fundamental para a URSS promover sua reconstrução - abre-se um período de disputa em torno basicamente de três regiões: leste europeu, extremo oriente (Pacífico) e de parte do mais tarde denominado "arco das crises" (acesso ao mar Vermelho, Golfo Pérsico). Não há dúvida que a URSS não desejava essa disputa ao menos à época, entretanto no período que se segue faz o que pode para disputar iniciativa e preservar o Status Quo (manter toda a sua fronteira protegida de agressão direta por meio a estados - tampões e neutros). O estopim do endurecimento foi justamente após a retirada soviética do Irã, a presença militar direta dos EUA na área, isto causou pânico em Moscou, os mais exacerbados chegavam a dizer que a perda de 20 milhões foi inútil, estavam novamente com o agressor em suas portas - para um país invadido, então, três vezes em três décadas (vide Paulo Fagundes Vizentin, 28

(“Da Guerra Fria à Crise”, p.p. 19, 20). Isto causou a síndrome do Irã, a partir daí os soviéticos resolvem recorrer a força para manter o leste, apoiar a criação do Estado de Israel (e garantir armas) e manter uma posição ambígua em relação às revoluções na Ásia. No ponto de vista americano - creio que vários analistas realmente acreditavam nisso - estava-se desencadeando uma agressão indireta mediante as revoluções Chinesas, Indo-chinesa, Malásia, Indonésia, para não falar no sem número de movimentos guerrilheiros. Estava formado o cenário da 1ª Guerra Fria, 1947 (Crise de Berlim) a 1954 (Fim da Guerra da Coréia). Neste meio tempo a USSS também moveu provocações na Grécia convencendo os revolucionários à passar à Guerra Convencional - foram trucidados e abandonados por Moscou - e na Coréia, onde depois de encorajar a agressão mantiveram a disposição de “lutar até o último chinês”. Segue-se um período de détente em que a tônica é a disputa do então emergente Terceiro Mundo (vide PFV, In Opcit, p.p. 38,39), e interna ao bloco ocidental americano/européia (Suez 1956). Nem a criação da OTV 1955, nem a invasão da Hungria em 1956 carretam problemas, estavam dado o Status Quo.

A 2ª Guerra Fria se dá fundamentalmente em torno da questão cubana - desta feita eram os EUA a ter sua zona central ameaçada - tem seu ápice com a chamada “crise dos mísseis” (1962), e seu fim com a retirada dos SS17 de Cuba e dos Júpiter da Turquia e Itália. Não obstante a curta duração impactou profundamente a elite dirigente das respectivas superpotências, estabeleceu tacitamente os limites da disputa e desta feita, a nova détente dá lugar a um jogo de soma acima de zero, em que cada superpotência tem na disputa leste-oeste o pretexto para consolidação das respectivas áreas de influência mantendo com os seus aliados uma relação puramente instrumental (o que não se dá sem reações, França e China respectivamente). Este acaba por ser o traço fundante do sistema internacional, meio à “Paz do Terror”, os EUA através dos regimes militares e a URSS pela instrumentalização dos movimentos de libertação nacional.

Este sistema acaba de meados fim da década de 70 entrar em crise, existem novos atores dispostos a entrar no jogo, novas demandas e motivações, pressões no interior dos blocos no sentido da obtenção de mínimo de autonomia estratégica, o Egipto sela paz separado com Israel em Camp David (1979), os sandinistas chegam ao poder na Nicarágua (1979), ocorre a Revolução ira-

niana (1979) - estas duas últimas sem que pudessem ser atribuídas à Moscou. Dois desses acontecimentos repercutem diretamente no arco das crises, o "ganho" do Egito não chega a compensar a "perda" do Irã, ocorre aí uma perda de influência na região que os EUA só recuperariam sobejamente em 11 anos depois (Kwait). Paralelamente a URSS envolve-se no Afeganistão, definitivamente está ruindo o arcabouço do sistema internacional. Nem mesmo a 3ª Guerra Fria (1979/86) motivada pela instalação dos Cruise Pershing II e a intervenção no Afeganistão consegue reestabelecer a hegemonia das Superpotências sobre os respectivos blocos. Os EUA percebendo com antecipação a crise de hegemonia, realizam uma "manobra em linhas interiores" desencadeiam a campanha Carter dos direitos humanos, na medida que buscam suprimir as debilidades estratégicas de seu bloco - promovendo as "transições pelo alto" nos regimes militares e cria as condições para uma vigorosa ofensiva ideológica contra o adversário, primeiro com os valores humanos universais, e a seguir com o "Império do mal".

A URSS, do seu turno custa a perceber a profundidade das modificações ocorridas no sistema internacional, fica em um período crucial, acuada planos políticos, econômicos e militares - embora sem marcos grandiosos, mas pelo tipo de decisão a que foram levados os agentes no período seguinte acreditamos que esta tenha sido a Guerra Fria mais próxima de tornar-se uma Guerra Central. Os EUA empenharam-se com vigor em sua ofensiva geral, desencadeiam "conflitos de baixa intensidade" (L.I.C.) em Nicarágua, Angola, Moçambique e possivelmente apoiaram a Guerrilha curda no Irã. A URSS nem defende seus aliados e nem consegue justificar a Guerra Afegã como parte da "conspiração imperialista", embora com efeito os EUA e a China fornecessem por razões geo-estratégica armas aos guerrilheiros. O terceiro pé da ofensiva americana baseia-se na D;S;I; (como se diz Defense Strategic Initiative), "Guerra nas Estrelas", visa criar condições para que em caso de Guerra Central as perdas ocasionais pelo uso de armas termo-nucleares se tornasse suportável. O que até então parecia impossível, o alicerce objetivo da "Paz do Terror" estava irreversivelmente abalado em suas raízes. Por fim só em 86 a URSS começa a manobra, já é tarde demais, a reação as modificações pretendidas pela Glasnost de Peristroika enfrentam muita resistência, não logrando ob-

ter a densidade hegemônica necessária nem mesmo no seio da elite dirigente, pois operam num terreno totalmente adverso aos fins que pretendem implementar o das corruptas e autoritárias democracias do leste.

Nestas duas últimas fases 1885 a 1945 e 1945 a 1990 houve no caso da 1ª fase uma luta ferrenha contra o irracionalismo (da barbárie nazi-fascista) portanto, a vitória na 2ª Grande Guerra não chega a assinalar um "ciclo de predomínio da subjetividade, mas mais um "empate", talvez até pudesse ter o sido, se não houvesse dado lugar à paz do terror. Haviam condições para que num pós-guerra os EUA tivessem estabelecido - e foi Roosevelt e - ao que parece só ele, quem radicalmente percebeu isso, uma paz hegemônica nos moldes da estabelecida pela Inglaterra no pós 1815, os movimentos anticoloniais e de libertação nacional, de seu turno, nas suas várias "ondas revolucionárias" embora caracterizam uma afirmação de vontade do sujeito no seu decurso ou término acabaram por serem aprisionados pela camisa de força imposta pela paz do terror (o equilíbrio do mundo assentado nos arsenais nucleares), ironicamente é graças ao incremento, propiciado pela ofensiva americana, da corrida armamentista (D.S.I.) e de outro lado do completo esclerosamento da URSS, com a decisão subsequente de desescalar rapidamente mesmo com o risco da perda de autonomia estratégica (o que efetivamente ocorreu ao menos até o fim da guerra do Kwait) é que podemos assistir um novo ciclo de predomínio da subjetividade (4ª fase), as fabulosas revoluções do leste.

Esta ironia da história, este aparente paradoxo é explicável dialeticamente pelo fato de que "a subjetivação da <sup>obj</sup>subjetividade (transformação do mundo e apropriação humana) e a objetivação da subjetividade são dois aspectos que, a rigor, compõe um mesmo processo de realização da subjetividade no interior do mundo material" (A.G.F., Teoria e Revolução). A cada caso, diante da crise do sistema resta saber por qual destes dois aspectos do ciclo de práxis se dará ruptura, neste caso, da 3ª Guerra Fria a ruptura se deu através da consciência (a construção de uma alternativa até então ausente do sistema) como poderia ter se dado mediante Guerra Central em 82/83. Mais uma vez, confirma-se a tese de que se um lado o gigantismo dos meios aprisiona e fragmenta os

39

38

40

homens, de outro lado cria possibilidades, mediante seu controle, da apropriação global (subjetivação) da realidade pela consciência.

### Paz Imperial ou Multipolaridade.

O capítulo iniciado pelas revoluções do leste permanessem inconcluso, resta a pergunta se teremos aí um momento de afirmação da superioridade da consciência, ou se a realidade dos meios engendrará uma nova ameaça que nos afaste da possibilidade de um mundo multipolar, cuja esfera pública seja presidida pela política (tanto no sistema internacional quanto nos planos internos), em que a diplomacia se pautará mais pelo intercâmbio econômico, político, cultural se o conflito humano se dará mediante à ênfase na cooperação, em suma se viveremos um período de afirmação da emancipação da humana ou não.

41

42 ou  
o quê?

Com o fortalecimento da C.E.E. (criado uma Europa economicamente unificada) com a reunificação alemã, com o crescimento econômico chinês - e o desanuviamento bilateral com a URSS, com a economia Nipônica, estruturação do bloco econômico norte-canadense, surgem a base objetiva (econômica) para o estabelecimento e o equilíbrio político multipolar e portanto de uma paz hegemônica - no caso americano uma vez que os EUA sozinhos, são responsáveis por 33% de todos os bens e serviços produzidos no planeta.

43

A Guerra no Golfo Pérsico denota que há o sério risco desta possibilidade (paz hegemônica) desvanecer-se e assistimos a um trágico e incerto período de paz imperial, a guerra permanentemente na "periferia" do imperium.

44